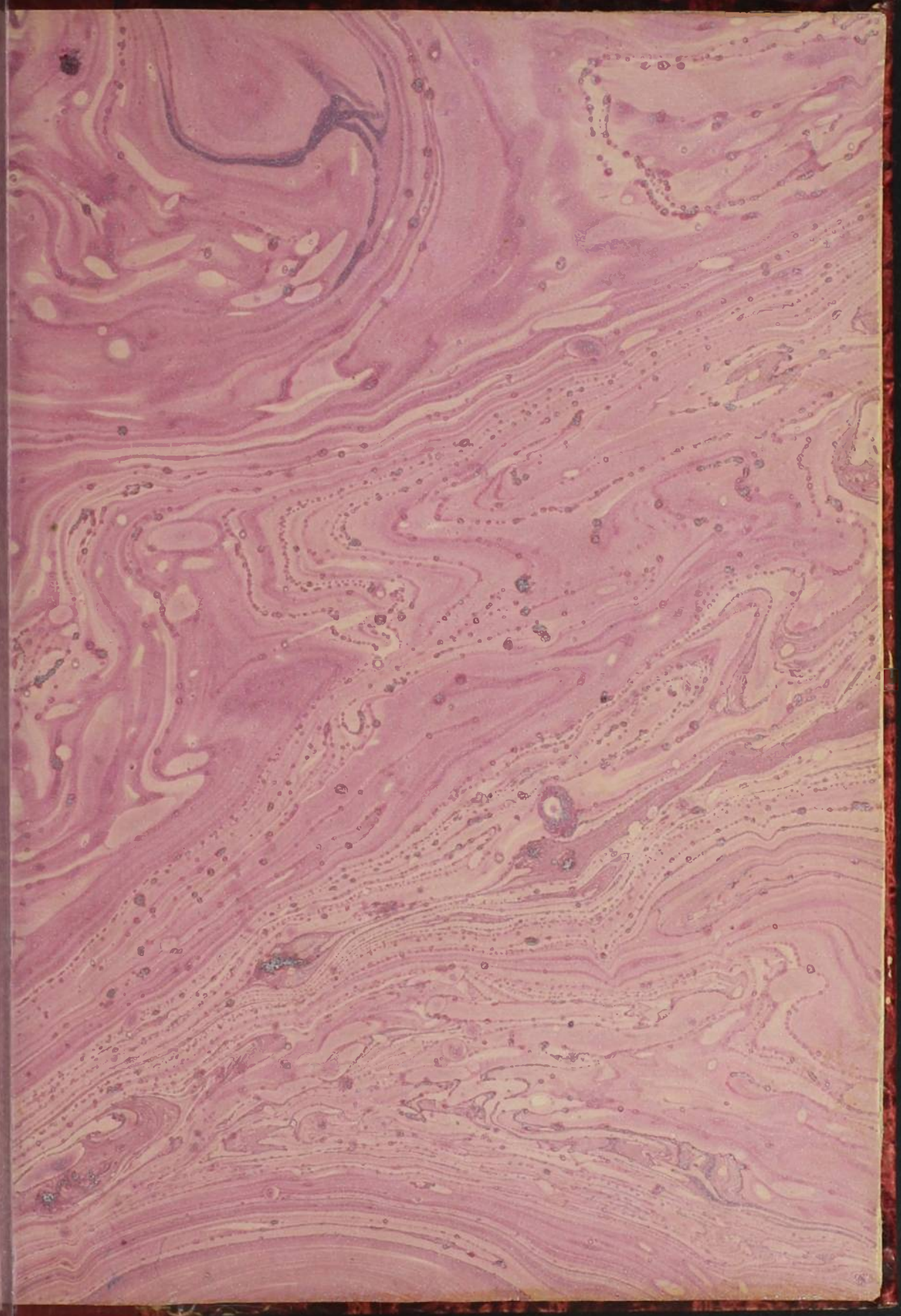

Edwiges de Sá Pereira

RAYMUNDO CORRÊA

Numero 79.

SYMPHONIAS

COM UMA INTRODUCÇÃO

DE

MACHADO DE ASSIS.

Edwiges de Sá Pereira

RIO DE JANEIRO
Livraria editora de Faro & Lino
74, Rua do Ouvidor, 74

1883

Rio de Janeiro. 1883.
Typ. de Fernandes, Ribeiro & C.
Rua da Quitanda 72

A Magalhães.
Virgílio.
Rio 23-3-907.

A

Valentim Magalhães

Edwiges de Sá Pereira

Introducção

Supponho que o leitor, antes de folhear o livro, deixa cahir um olhar curioso nesta primeira pagina. Sabe que não vem achar aqui uma critica severa, tal não é o officio dos prefacios; — vem apenas lobrigar, atravez da phrase attenuada ou calculada, os impulsos de sympathia ou de favor; e, na medida da confiança que o prefacista lhe merecer, assim lerá ou não a obra. Mas para os leitores maliciosos é que se fizeram os prefacios astutos, desses que trocam todas as voltas, e vão aguardar o leitor onde este não espera por elles. E' o nosso caso. Em vez de lhe dizer, desde logo, o que penso do poeta, com palavras que a incredulidade póde converter em puro obsequio litterario, antecipo uma pagina do livro; e, com essa outra malicia, dou-lhe a melhor das opiniões, porque é impossivel que o leitor não sinta a belleza destes versos do Dr. Raymundo Corrêa:

MAL SECRETO

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora,
Vêr atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Ahi está o poeta, com a sua sensibilidade, o seu verso natural e correntio, o seu amor á arte de dizer as cousas, fugindo á vulgaridade, sem cahir na affectação. Elle póde não ser sempre a mesma cousa, no conceito e no estylo, mas é poeta, e fio que esta seja a opinião dos leitores, para quem o nome do Dr. Raymundo Corrêa fôr inteira novidade. Para outros, naturalmente a maioria, o nome do Dr. Raymundo Corrêa está appenso a um livro, sahido dos prelos de S. Paulo, em 1879, quando o poeta tinha apenas 19 annos. Esse livro, *Primeiros sonhos*, é uma collecção de ensaios poeticos, alguns datados de 1877, versos de adolescencia, em que, não Hercules menino, mas Baccho infante, agita no ar os pampanos, á espera de crescer para invadir

a India. Não posso dizer longamente o que é esse livro ; confesso que ha nelle o cheiro romantico da decadencia, e um certo aspecto flacido ; mas taes defeitos, a mesma affectação de algumas paginas, a vulgaridade de outras, não supprimem a individualidade do poeta, nem excluem o movimento e a melodia da estrophe. Creio mesmo que algumas composições daquelle livro podiam figurar neste sem desdizer do tom nem quebrar-lhe a unidade.

Não foram esses os primeiros versos que li do Dr. Raymundo Corrêa. Li os primeiros neste mesmo anno de 1882, uns versos satyricos, *triolets* sonoros, modelados com apuro, que não me pareceram versos de qualquer. Semanas depois, conheci pessoalmente o poeta, e confesso uma desillusão. Tinha deduzido dos versos lidos um mancebo expansivo, alegre e vibrante, aguçado como as suas rimas, coruscante como os seus esdruxulos, e achei uma figura concentrada, pensativa, que sorri ás vezes, ou faz crer que sorri, e não sei se riu nunca. Mas a desillusão não foi uma quéda. A figura trazia a nota sympathica; o acanho das maneiras vestia a modestia sincera, de bôa raça, lastro do engenho, necessario ao equilibrio. Achei o poeta deste livro, ou de uma parte deste livro : — um contemplativo e um artista, coração mordido daquelle amor mysterioso e cruel que é a um tempo a dor e o feitiço das victimas.

Mas, emfim, Baccho conquistou a India ? Não digo tanto, porque é preciso ser sincero, ainda mesmo nos prefacios. Trocou os pampanos da puericia, jungiu ao carro as pantheras que o levarão á terra indiana, e não a vencerá, se não quizer. Em termos chãos, o Dr. Raymundo Corrêa não dá

ainda neste livro tudo o que se póde esperar do seu talento, mas dá muito mais do que dera antes; affirma-se, toma logar entre os primeiros da nova geração. Estuda e trabalha. Dizem-me que compõe com grande facilidade, e, todavia, o livro não é sobejo, ao passo que os versos manifestam o labor de artista sincero e paciente, que não pensa no publico senão para respeital-o. Não quero transcrever mais nada; o leitor sentirá que ha no Dr. Raymundo Corrêa a massa de um artista, lendo, entre outras paginas, *No Banho*, o *Anoitecer*, *No Circo*, e os sonetos sob o titulo de *Perfis romanticos*, galeria de mulheres, á maneira de Banville. Não é sempre puro o estylo, nem a linguagem escoimada de descuidos, e a direcção do espirito podia ás vezes ser outra; mas as bôas qualidades dominam, e isto já é um saldo a favor.

Uma parte desta collecção é militante, não contemplativa, porque o Dr. Raymundo Corrêa, em politica, tem opiniões radicaes: é republicano e revolucionario. Creio que o artista ahi é menor e as idéas menos originaes; as apostrophes parecem-me mais violentas do que espontaneas, e o poeta mais aggressivo do que apaixonado. Note o leitor que não ponho em duvida a sinceridade dos sentimentos do Dr. Raymundo Corrêa; limito-me a citar a fórma lyrica e a expressão poetica; do mesmo modo que não desrespeito as suas convicções politicas, dizendo que uma parte, ao menos, do actual excesso ir-se-ha com o tempo.

E agora, passe o leitor aos versos, leia-os como se devem lêr moços, com sympathia. Onde achar que falta a commoção, advirta que a fórma é esmerada, e, se as traducções, que tambem as ha, lhe parecerem numerosas, reconheça ao

menos que elle as perfez com o amor dos originaes, e, em muitos casos, com habilidade de primeira ordem. E' um poeta; e, no momento em que os velhos cantores brazileiros vão desapparecendo na morte, outros no silencio, deixa que estes venham a ti; anima-os, que elles trabalham para todos.

Julho de 1882.

MACHADO DE ASSIS

1.ª PARTE

A Capistrano de Abreu

AS POMBAS...

Váe-se a primeira pomba despertada...
Váe-se outra mais... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

A CHEGADA

A Ezequiel Freire

Vimos de longe ; o guia váe na frente;
E' longa a estrada... aos rispidos estálos
Do impaciente lathego, os cavallos
Correm veloz, larga e fogosamente...

Já estranho rubor inflamma o Oriente ;
Rompe a manhã ; cantam ao longe os gallos...
Que estensos campos ! que profundos vallos
Vêm-se ! que fresco matinal se sente !

Eis de uma ponte rustica a passagem ;
Em baixo as agoas refervendo bramam...
Está proximo o termo da viagem—

Eis a cidade emfim ; os sinos clamam,
E as casas brancas—que feliz payzagem !—
Pelo pendor da serra se derramam...

O NINHO NO TEMPLO

(V. Hugo)

Váe á Egreja, na espessura
Da abobada os olhos fita;
Sob o arco da pedra escura,
Um ninho de aves palpita.

Nas cathedraes que se aprumam
Mergulhando as torres no ar,
E' que os passaros costumam
O ninho timido armar.

Dos portaes nos musgos tecem
O alvergue fôfo e pequeno,
E ao brando calor se aquecem
Das azas do Nazareno.

Que luz, a voz que se eleva
Do ninho, em torno produz!
O templo é cheio de treva,
E o ninho é cheio de luz.

Nos nichos, mudos, sosinhos,
Os santos de face austera
Amam os doces visinhos
Do beijo e da primavera.

As virgens christãs serenas
Inclinam-se com fervor
Sobre esse ninho de pennas,
— Colmeia do mel do amor.

A tez dos santos radia
Sob o crepe em que se escondem ;
— Bom dia ! dizem—Bom dia !
Cantando as aves respondem.

As cathedraes altas, graves,
Cravam as torres nos ceus—
Porem o ninho das aves
E' o edificio de Deus.

MISSA UNIVERSAL

Ao Dr. Almeida Nogueira

As portas do Levante diamantinas
Abre a alvorada esplendida ; modulam
Os passaros ; das fontes crystallinas
As cabelleiras liquidas ondulam...

Cantam as auras entre a ramaria
Fresca, odorante, matizada, e n'esta
Magestosa basilica—a floresta,
O *Te-Deum laudamus* principia.

De toda a parte exhala-se uma prece;
Como antistite, curva penitente
O penhasco a cabeça núa e calva...

E além, no azul infindo, aos poucos desce,
Como uma hostia de luz, tremulamente,
Melancolica e linda a estrella d'alva.

SOBRE UM TRECHO DE MILLEVOYE

A Urbano Duarte

Não ha quem a emoção não dobre e vença,
Lendo o episodio da leôa brava,
Que, sedenta e famelica, bramava
Vagando pelas ruas de Florença.

Foge a população espavorida,
E na cidade deploravel e erma
Topa a leôa só, quasi sem vida,
Uma infeliz mulher debil e enferma.

Em frente á fera, no estupor do assombro,
Não já por si tremia ella, a mesquinha,
Porém porque era mãe, e o peso tinha,
Sempre caro pr'as mães, de um filho, ao hombro.

Cegava-a o pranto, enrouquecia-a o choro,
Desvairava-a o pavor!... e emtanto, o lindo,
O tenro infante pequenino e louro,
Placido estava nos seus braços rindo.

E o olhar desfeito em perolas celestes
Crava a mãe no animal que pára e hesita,
Aquelle olhar de supplica infinita,
Que é só proprio das mães em transes d'estes.

Mas a leôa, como se entendesse,
O amor da mãe, incolume deixou-a...
E' que esse amor até nas feras vê–se!
E é que era mãe talvez essa leôa!

O ANOITECER

A Adelino Fontoura

Vê: esbrazea o Occaso na agonia
O sol; aves em bandos destacados
Por ceus de ouro e de purpura raiados
Fogem... fecha-se a palpebra do dia...

Delineam-se alem da serrania
Os vertices de chamma aureolados
E em tudo em torno esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar fluctua;
Como uma informe nodoa, avulta e cresce
A sombra proporção que a luz recúa...

A natureza apathica esmaece...
Pouco a pouco entre as arvores a lua
Surge tremula, tremula... Anoitece!

DUAS MORTES

(Blasco)

A criancinha tinha um mez somente,
E a velha os seus oitenta annos de idade ;
Foram tocadas de uma enfermidade,
D'essas que matam repentinamente.

Vi-as ambas morrer, e não sabia
Como o seguinte facto então se dava :
A velha em ancias a morrer—chorava,
Emquanto alegre a criancinha—ria.

O FILHO DE CORALIA

Elle torcendo os braços delirante
E livido de horror, tremulo escuta
Essa revelação torpe e infamante
Que cáe dos labios vis da prostituta.

— Tu és meu filho!—Disse-lhe arquejante
Coralia — O' generosa alma impolluta!
Envergonha-te e foge!—E elle, o semblante
Erguendo, vencedor de intima luta,

E's minha mãi ! — disse n'um grito rouco,
Arrancando os cabellos como um louco;
E então nos olhos fuzilou-lhe o brilho

De um raio, e proseguio:—Os que sacodem
A infamia sobre ti, só esses podem
Abominar-te; eu não, que sou teu filho !—

(Brizeux)

Muita vez eu pergunto aos raciocinios meus:
O que é Deus sem o amor? o que é o amor sem Deus?
Amar a Deus não é amar a casta chamma,
Que cremos ver no olhar da mulher que nos ama?
E quem d'esta mulher tambem no olhar não crê
Achar a ignota luz do Deus que se não vê?!
São dous amores: um do céu, outro da terra;
Um, o outro a indicar, banha-o da luz que encerra.
Quem em nós purifica o amor da carne?—o ideal.
E este, quem nol-o mostra? — é só o amor terreal.

A CAVALGADA

(A José Leão)

A lua banha a solitaria estrada.
Silencio !.., mas além, flebil e brando,
O som longinquo vem se approximando
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada ..

E o bosque estala e move-se e estremece,
Da cavalgada o estrepito que augmenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silencio outra vez soturno desce,
E limpida e sem macula e alvacenta
A lua a estrada solitaria banha...

BOSQUEJO

Repica o sino da matriz da villa,
Como em dia de gala...
São dez horas somente; o sol rutila,
Faisca o espelho de crystal da sala.

A pendula palpita
Compassada e monotona; singello
N'uma gaiola, electrico saltita
Um canario amarello...

São dez horas; erguidas
As persianas deixam ver distantes,
Das arvores floridas
As frondes vicejantes...

Subtil essencia de magnolia e rosa
Repassa o ambiente... E a mãi a ler ensina,
Sorrindo carinhosa,
A loura filha ingenua e pequenina...

CAHIR DAS FOLHAS

Os ares puros, tepidos se alteram...
Duros, agudos, frios como lanças,
Nuncios do inverno, os ventos vociferam
Dos arvoredos lúridos nas françás...

Correm do sol ás ultimas centelhas
Os cirrhus brancos pelo ceu nevoento,
Como um rebanho prófugo de ovelhas
A's fauces rubras de um leão sangrento...

Na triste emigração, as andorinhas,
Da parte do occidente mais remota
Perdem-se alem nas mal distinctas linhas...

Assim tambem para regiões infindas
O inverno atroz, que me penetra, enxota
O bando azul das illusões mais lindas.

LUCIOLA

A Arthur Azevedo

Quando em frente ao palacio illuminado
Tu saltaste do coche, triumphante,
O povo abrio-se em alas, humilhado,
Ao teu olhar magnetico, humilhante.

E então passaste altiva e radiosa,
Cadenciando musicas no andar,
E embebendo na essencia voluptuosa
De emanações balsamicas o ar...

E ao transpor o portal esplendoroso,
Ouvia-se inda o magico arruido
Do arrastar de teu pé leve e nervoso,
Nas escadas de marmore luzido...

No salão, rodeando-te os convivas,
Tanta lisonja urdiam-te; porém
Tinhas a tudo punhaladas vivas,
No sorriso, de um aspero desdem.

E as mais damas mordiam-te com os olhos
Onde da inveja coruscava a imagem,
As joias te mirando, e os bastos folhos
Da roçagante e esplendida roupagem.

E o teu labio cuspia o escarneo em roda
Aos bardos que lançavam-te, atravez
Dos madrigaes ridiculos da moda,
Os corações vasios a teus pés...

Mas depois vi vergar teu corpo exhausto
E a tua face confrangida e mésta
Pallejar, nos relampagos do fausto,
No esplendor babylonico da festa.

Alguem que em tal momento entrou por certo
No instantaneo deliquio te prostrou,
Foi alguem que, em teu labio ao riso aberto,
O toxico da magoa derramou...

E esse fantasma ia talvez passando
Entre as vascas da luz adamantina,
Como o espectro de Affonso atro e execrando
No funesto noivado de Izolina.

Elle é que o teu candor na onda cruenta
Fez rojar do seu torpe desvario,
Como os destroços de horrida tormenta
Na correnteza turbida de um rio...

Unico sol que te desfez o gelo !...
Oh! deviam, em tragica desordem,
As viboras da colera mordel-o,
Como da magoa as viboras te mordem !

Tragar devia um vortice implacavel,
Diabolico, vulcanico, infernal,
A quem a estatua alvissima, ineffavel,
Do pudor derribou do pedestal !

Por elle só—Luciola maldicta—
Velas em risos cynicos, descrentes,
O mundo cambiante que palpita
Dos sentimentos intimos que sentes !

E ai ! quem notando a contracção acerba
Do teu labio, acoimando-te, disser
Que em ti personificam-se a soberba
E todas as vaidades da mulher,

Engana-se! Tu sentes; si o profundo
E nobre sentimento ao mundo encobres
E' que, mulher, conheces bem que o mundo
Sempre zombou dos sentimentos nobres!...

1880.

(ZORRILLA)

A Filinto de Almeida

Mulher! Leva essa taça; outra que venha
Maior; que d'essa o vinho as bordas passa....
Leva-a, e traze outra já; venha uma taça
Grande, e que todo este licor contenha!

Lá fóra o vento as arvores desgrenha,
Estala o raio, o temporal esvoaça....
Anda! si á porta o viajor que passa
Se detiver, deixa que se detenha!

Deixa que espere ou desespere fóra !
Deixa, emfim, que elle siga o seu caminho
Que em torrentes a chuva inunda agora !

Que com agua viaje elle, o mesquinho,
Eu quero o vinho, dá-m'o sem demora,
Porque eu não posso viajar sem vinho.

MÃE E FILHO

(V. Hugo)

Mãe! A teu filho muita vez disseste
Que o céo tem anjos, e ha
Só alegrias no viver celeste,
E é melhor viver lá;

Que é um zimborio de pilastras bellas
Tenda de ricas côres;
Jardim de anil e lucido de estrellas
Que se abrem como flores;

Que é o mundo dos seres invisiveis,
De que Deus é o auctor,
De mysticismo azul, de inexhauriveis
Gosos, de eterno amor ;

Que é doce lá, n'um extase que encanta,
Sentir que a alma se abrasa,
E viver com Jesus e a Virgem Santa
N'uma tão linda casa...

Mas nunca lhe disseste, inconsolavel
Mãe, chorosa mulher,
Que elle, o pequeno, te era indispensavel,
Que elle te era mister ;

Que pelos filhos, quando são pequenos,
Muito as mães se consomem,
Mas que a mãe com seu filho conta ao menos
Quando fôr velha, e elle homem.

Nunca disseste que no escuro trilho
Da vida, Deus que é pae,
Quer que o filho a mãe guie, e a mãe o filho,
Pois um sem o outro cáe...

Nunca disseste ! e agora, morto, apertas
Nos braços teu filhinho !
Deixaste as portas da gaiola abertas,
Voou o passarinho...

RIO ACIMA

Frio, nas baixas safaras da riba,
Rolando as vagas turgidas, tamanhas,
Por florestas, por valles, por montanhas,
Serpenteia espumante o Parahyba ;

Quando o tufão as selvas e os palmares
Bravejando vandalico devasta,
Na mobil superficie o rio arrasta
Hartos madeiros, troncos seculares...

Então, emquanto sobre as aguas descem
Esses espolios do combate ingente,
Veem-se ilhas cobertas de verdores,

Bellas, florentes balsas, que parecem
Subir de um lado e de outro lentamente,
Como baixeis fantasticos de flores....

A GEMMA CUNIBERTI

E' grande a multidão que ás suas plantas vê-se,
E ella tão debil é, tão fraca e tão pequena,
Que eu estremeço quando a criança apparece
Tão pequena, tão fraca e tão debil em scena.

Mas quando a sua voz gorgeia, quando um novo
Lume e estranho poder no rosto se lhe espande,
Transfigura-se tudo, e eu vejo então que o povo
E' que é pequeno, e que ella, a pequena, é que é grande.

SANTAS ESMOLLAS

A Marianno de Oliveira

Bella, não! mas honesta e carinhosa,
A alma branda, o olhar claro, o labio doce;
E antes assim do que, si mais formosa,
Menos honesta e carinhosa fosse.

E pobre... antes assim! si fosse rica,
Onde esse casto incenso que se evola
Das suas roupas simplices, mas nobres?...

Quando a esmola não dá, melhor lhe fica
A lagrima que verte, em vez da esmola,
Nas magras, nas mirradas mãos dos pobres!

Nas mãos dos pobres magras e mirradas
Essas lagrimas vejo a reluzir,
E convertidas e crystallisadas
Todas, em raras perolas, cahir....

———

NO CIRCO

A Pedreira Franco

Abria o circo a arena illuminada
Do povo ás grossas vagas tumultuosas;
Fervia tudo em pompa; a variada
Côr das vestes, as rendas preciosas,

O verde, o azul, as sedas, os lavores
Dos luzentes metaes da côr do dia;
Mas n'esta febre multipla de côres,
Sómente a côr vermelha se não via;

Em applausos a turba se desata,
Surge em pleno espectaculo o acrobata,
Pula, e na corda bamba se ajoelha;

Arqueia o corpo; a corda estala e ringe;
Elle cáe, parte o craneo, e o solo tinge
A côr que se não via, a côr vermelha.

MAL SECRETO

Si a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Si se pudesse, o espirito que chora
Vêr, atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa !

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa !

A AVÓ

A Hugo Leal

Este infante de olhar e faces innocentes
Me repelle, e porque, quando me achego delle?
Quando com as mãos sem força, engelhadas, trementes,
O afago, porque chora e porque me repelle?!

A velhice tornou meu semblante tão feio,
Que ás crianças que beijo, ameigo e acaricio
Já não inspiro amor, só inspiro receio?!

Meu riso é hoje acaso um momo tão sombrio,
Que este infante que embalo, este que de mim veio,
Que é meu neto, este até, chora quando me rio ?!

E, como elle, comtudo, eu sou fraca, e, como elle,
Eu não tenho tambem nem cabellos, nem dentes...
Ai! quando o vou beijar, porque é que me repelle
Este infante de olhar e faces innocentes ?!

PERAMBULANS

O fluido adelgaçado e salutar da aurora
Aspiro... escarva o chão o cavallo impaciente ;
Cavalgo-o, e elle veloz, pela planicie a fóra
Atira-se a correr impetuosamente...

A neblina no val pendura-se : fumega
A terra... fende um carro o sólo dos caminhos ;
O mugido dos bois aos meus ouvidos chega
E os monotonos sons das rodas dos moinhos...

Pelas sendas do campo onde loireja a espiga
O rude boiadeiro a conduzir a tropa,
Corta o ar com a sonora e limpida cantiga...

Do robusto angelim pela folhuda copa
Zune o vento a passar e o meu chapéo fustiga...
E em meio dos sertões o cavallo gallopa...

— 1880 —

A ITALIA

A Silvestre de Lima

A Italia é o ninho azul da phantasia—
Foge-me a aspiração para estas partes...
Amo tambem o berço da poesia,
Da esculptura, da musica, das artes.

Esse inquieto anciar de quem deseja
Vel-a e morrer, eu sinto, e quero as plagas
Pisar, onde o Adriatico espumeja
Quebrando o grosso batalhão das vagas.

E na avidez que o espirito me inunda,
Alongo os olhos da alma, e creio vel-a...
Prainos que estrella uma estação fecunda,
Céos que uma eterna primavera estrella.

Torres obliquas, altos monumentos
De ponteagudo e gothico remate
Apunhalando largos firmamentos
De rutilante e vivido escarlate...

Viração que das costas sicilianas
O morno aroma que as embebe espalham,
Aguas azues, lagunas que de ufanas
E rendilhadas gondolas se coalham...

Prodigios de arte e naturaes prodigios,
E em cada pedra, e em cada escura fenda
De ruina, indeleveis os vestigios
De gigantes de homerica legenda...

Ao sol de Abril planicies florescendo,
Marmores florescendo ao sol da Idéa!...
Assim é que em meus sonhos te estou vendo,
Maravilhosa Pallas européa!

Vejo-te assim, heroica, illuminada,
A' sombra do teu elmo ereo e titaneo,
Ao sul, em pé, de myrthos guirlandada,
Calcando o dorso do Mediterraneo.

A ADELAIDE TESSERO

Artista! O genio, a força estranha e santa
Que a linguagem das almas interpreta,
E do humano sentir move e levanta
A valvula mais funda e mais secreta,

Tu o possues; por elle é que, sublime,
Todo o insondavel cahos, todo o complexo
Dos dramas da paixão, teu gesto exprime
Ante o auditorio attonito e perplexo.

Por isso, ora vehemente, ora tranquilla,
Quando, com teu condão magico, tocas
Todo o teclado harmonico das almas,

Do teu genio o relampago fuzila,
Trôa um violento bravo de mil bocas,
Desencadeia-se um tufão de palmas.

HISTORIA
DE
UMA GOTA DE AGUA

(Lachambeaudie)

Deslocada dos céos, como lagrima solta,
Um dia, a gota de agua em pleno mar cahio,
E carpia-se a triste, abandonada e involta
Na espuma do oceano indomito e bravio.

E um crustaceo a sorveu após, limites dando
Da exilada celeste á nostalgia, á magua;
E no aspero crysol foi se crystallisando
E em perola mudou-se aquella gotta de agua.

E mais tarde do mar á funda cavidade
A perola colheu habil mergulhador —
E ella foi rutilar, cheia de magestade,
No diadema real de um grande imperador.

O' tu de humildes paes filha modesta e bella,
Tu que apuras o ser no crysol da agonia,
Não desanimes nunca; e talvez como aquella
Gota de agua, mulher, sejas perola um dia.

NA PAGINA DE UM ALBUM

A Randolpho Fabrino

Quando alegre e feliz ás terras tu voltares
Onde viste da vida a ~~b~~randa luz primeira,
E onde o viso a immerger nos enfeitados ares
Ergue-se o Itatiaya e ergue-se a Mantiqueira,

Ao logar, onde suppre o rebombo dos mares
A musica da selva, e a voz da cachoeira ;
Ao logar que é p'ra ti o melhor dos logares,
Pois foi lá que passaste a rir a infancia inteira ;

N'esse quieto viver, n'essa existencia quieta,
Quando o peito inundar-te a aurora da alegria,
Sob o paterno tecto, em extasis ahi,

Recorda-te, ó amigo ! ó sonhador ! ó poeta !
Recorda-te de alguem que conheceste um dia,
E que um dia deixou-te esta lembrança aqui !

S. Paulo — 1879.

VULNUS

Com bons olhos, quem ama, em torno a tudo vê,
Folga, estremece, ri, sonha, respira e crê;
A crença doira e azula o circulo que o cinge,
Da volupia do bem o gráu supremo attinge;

Eu tambem attingi esse supremo gráu,
Tambem fui bom e amei, e hoje odeio e sou máu,
E as culpadas sois vós, visões encantadoras,
Virginias desleaes, desleaes Eleonoras!

Minha alma juvenil, ignea, meridional,
N'um longo sorvo, haurio o perfido e lethal
Philtro do vosso escuro e perigoso encanto!

A vossos pés rasguei tantos castellos; tanto
Sonho se esperdiçou, tanta luz se perdeo!...
Amei; nem uma só de vós me comprehendeo!

NO DECENNARIO
DE
CASTRO ALVES

" Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada "
(Castro Alves).

Foram-se todas já. Uma era a bella
Musa das notas lyricas, sombrias ;
Outra empunhava a taça das orgias;
Outra o pincel da americana tela ;

Esta era torva e extravagante ; aquella
De Henri Haine lembrava as phantasias —
Eis as musas gentis do Abreu, do Dias,
Do Azevedo, do Freire e do Varella...

Cada uma destas pallida sustinha
Na mão uma harpa d'oiro, e a desejada
Gloria a seguir cada uma d'estas vinha...

De Castro Alves porém a illuminada
Musa, em logar de uma harpa d'oiro, *tinha*
Na· mão brilhante a trompa bronzeada.

———

MAIO

(F. Coppée)

Ha um mez foste-te embora;
E eu soffro de ti distante,
Embalde viceja agora
O lilaz fresco e odorante.

A sós, fujo ao claro brilho
D'este céo que me exaspera,
Pois augmenta o horror do exilio
O esplendor da primavera.

Contra os vidros transparentes
Da alcova de onde não sáio,
Batendo as azas trementes
Ouço os insectos de Maio.

Do sol ao rutilo beijo
Cerro o labio, desgostoso,
E só, do lilaz desejo
O humido ramo cheiroso ;

Pois em meio ás suas dores,
Do lilaz, minh'alma, em ancia,
Ve teus olhares — nas flores,
Teu halito — na fragrancia.

DEZEMBRO

(F. Coppée)

Dezembro entre gêlos finda...
Pia o mocho! que saudade!
Que fundo sentir! que infinda
Tristeza teu seio invade!

Não queiras reter o escuro
Curso veloz d'esses dias;
Quantos serão, no futuro,
De dor! quantos de alegrias!

Deixa que escoem-se os annos!
N'um beijo—que desenganos!
Que espinhos n'uma só flor!

Morra-se embora, querida;
Que importa a morte, se a vida,
Se a vida não tem valor!?

BEIJO POSTHUMO

Do meu primeiro amor és o templo em ruina.

No estomago da morte atro e voraginoso
Essa carne ideal, deliciosa e fina
Cahio como um manjar fino e delicioso!

Teu corpo decompõe-se; e, a suppurar em flores,
Com funereo pudor, os teus membros inermes
Hoje são a vivenda e o pabulo dos vermes
Asquerosos, crueis, frios e roedores...

E o beijo que eu pedi-te e que nunca me deste,
Que em vida quiz colher-te e nunca foi colhido,
Cáe de teu labio como um fructo apodrecido...

O' beijo virginal! fructo que apodreceste!

O VINHO DE HEBE

Quando, do Olympo nos festins, surgia
Hebe risonha, os deuses magestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ella, passando, os copos lhes enchia...

A Mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e prodiga de gosos,
Passa por nós, e nós tambem, sequiosos,
Nossa taça estendemos-lhe, vazia...

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ella, verte-nos e passa...
Passa, e não torna atraz o seu caminho.

Nós chamamol-a em vão; em nossos labios,
Restam apenas timidos ressabios,
Como recordações, d'aquelle vinho.

O CHALET

E' um chalet risonho, alvo e correto
Como os chalets austricos; fachada
Triangular, pyramides no tecto,
Largas cimalhas, cupola quadrada.

Para campos sem fim rasga a janella
De amplos caixilhos... tudo o que o rodeia
Lembra, no fundo azul de uma aquarella,
Uma payzagem rustica de aldeia...

Os capiteis corinthios dão-lhe á frente
Um ar pagão, festivo e romanesco ;
E no jardim, em tanque trasparente,
Sôa o repuxo crystallino e fresco.

Quando pelo portão ás vezes passo,
Entre as grades de ferro, deslumbrante,
Vejo o cylindro de um eburneo braço
Ao pescoço de um cysne simillhante.

E vem ferir-me o tympano do ouvido,
Como um ruido de harpas argentinas
Um ruido qualquer, que é o ruido
Particular das vozes femininas.

E assoma na janella um rosto lindo
De expressão tão angelica e tão pura,
Como um busto de santa reluzindo
Em florejada e nitida moldura.

N'esta gruta fantastica de flores,
N'este chalet se occulta ella, a formosa,
Como em caixa de artisticos lavores
Se occulta a fina perola custosa.

E p'ra ser o chalet em que reside
Como um castello ideal da idade morta,
Basta, como nas lendas de Al-Raschid,
Pôr-lhe um dragão feroz guardando a porta.

A JUVENTUDE

A Aluizio Azevedo

Do amor a vaga sensação primeira,
Primeiro alvor, diluculo da edade,
O brando rescender da virgindade,
Mais brando que o da flor da amendoeira;

O espirito, a belleza e a castidade
— Rara violeta que invisivel cheira;
A ingenua prece—musica fagueira —
Tudo que ha na mulher que mais agrade;

Tudo nesta estação se atila e apura ;
A moça sonha e o seu sonhar fulgura
No olhar de luz e de humidade cheio ;

Da tez lhe fulge a transparencia rara,
E, qual fructo de neve, aponta a clara
Protuberancia olympica do seio.

ALFAÏMA

A mourisca feição que ensombra e vela
Da negra coma o nitido velludo,
Aquella graça original, aquella
Voz, aquelle sorrir candido, tudo,

Tudo, como que um láudano propina,
Que insinúa-se n'alma, e que a alma absorta,
Arrasta, vence, attrahe, seduz, domina
E a longes plagas, rapido, transporta...

Dos anafins as musicas resôam,
Barulhentas, excentricas ; rebôam
Os estampidos horridos do Ganges ;

Fulge o rubro cariz do céo do Oriente,
E abre-se um sol que bate em chapa, ardente,
Sobre um milhão de rutilos alfanges...

PERFIS ROMANTICOS

A Machado de Assis

I

OPHELIA

N'um recesso da selva invia e sombria,
Estrellada de flores, vicejante,
Onde um rio entre seixos, espumante,
Cursando o valle, turgido, fluía;

A coma esparsa, livido o semblante,
Desvairados os olhos, como fria
Apparição dos tumulos, um dia
Surgio de Hamlet a lacrimosa amante;

Simplices flores o seu porte lindo
Ornavam... como um pranto, iam cahindo
As folhas de um salgueiro na corrente...

E na corrente ella tambem tombando,
Foi-se-lhe o corpo alvissimo boiando
Por sobre as aguas indolentemente...

II

GRAZIELLA

O sol vivificante, a aurea celagem
Do céo da Italia limpo e transparente,
As ondas verdes, a anhelante aragem
Aromatica, prospera, frequente;

E toda essa romantica payzagem
Do berço dos Rossini, onde se sente
Hoje ainda o resfolego, a bafagem
Das boccas do Vesuvio incandescente,

Esse conjuncto harmonico e risonho
Verteu-te n'alma de poeta o sonho
Mystico e oriental, que se define

Na tua amante imaginaria e bella,
Na doce e suavissima Graziella,
Suavissimo e doce Lamartine.

III

HERO

Descamba a noite; rispido farfalha,
Crebro, o tufão; ferve o Hellesponto irado,
E o céo da Grecia torvo e carregado
Rapido o raio rutillo retalha...

A fria, undosa, liquida mortalha
Rasga co'o peito o nadador ousado;
Sorri-lhe ao longe o porto desejado
Onde o amor brilha e a placidez se espalha;

O louco amor que o impelle inebriante
Ao mar, do mar, trahidor, o não soccorre,
E as vagas cospem-n'o hirto, agonisante.

E Hero, livida e afflicta, á praia corre,
E sobre o corpo inanime do amante
Cáe sem força, ullulando, e arqueja e morre...

IV

MARILIA

O' Marilia! O' Dirceu! Eram dois ninhos
Os vossos corações, ninhos de flores;
Mas, entre os quaes, sentieis os rigores
Lacerantes de incognitos espinhos;

Tremiam, como em flacidos arminhos,
Promiscuamente, n'elles os amores,
As saudades, os canticos, as dôres,
Como uma multidão de passarinhos...

O sulco profundissimo que traça
Nos corações amantes a desgraça,
Ambos nos corações traçados vistes,

Quando os vossos olhares, no momento,
Cruzaram-se, do negro afastamento,
Marejados de lagrimas e tristes...

V

BEATRIZ

A alma de Dante olympica e divina,
Emula e irmã do cysne de Ferrara,
Alma feita de sóes, tempera rara,
Embebeu-se em tu'alma peregrina.

A luz, candida dama florentina,
Do teu olhar, avelludada e clara,
Tambem os sons com impeto arrancára
D'aquella grande cythara argentina.

Já no quadro immortal do *Paraiso*
Eu descubro o reflexo passageiro
Do teu mellifluo e limpido sorriso

E mais a tua candidez, a tua
Graça ideal e o teu perfil inteiro
Na *Vita-Nuova* augmenta e se accentúa.

VI

NATHERCIA

Esse cantor guerreiro, cuja fama
O temporal dos seculos investe,
E da immortalidade no celeste
Páramo bate, róla e se derrama;

O peito de aço que o valor inflamma,
Invencivel, no entanto, tu venceste,
Tu, tyrannico amor, tu que o prendeste
De um puro olhar nos vinculos de chamma.

Ai ! Nathercia infeliz ! breve apagou-se
A luz candida, o brilho harmonioso
Do teu olhar, virgem serena e doce !

Viste o cairel do tumulo primeiro
E após, seguio-te o rastro glorioso
O teu Camões, o teu cantor guerreiro !

VII

VIRGINIA

Impressiono-me sempre quando leio
Toda a historia do amor dessa creança;
Sinto-lhe o incenso da pureza e a mansa
Ondulação do immaculado seio.

Do casto e ingenuo par me encanta o enleio,
No respaldo do monte, ou sobre a França
Da palmeira que, trepido, balança
Calido vento de murmurios cheio...

Vejo a naufraga exhausta, que desmaia
Na pallidez da morte, e o corpo exangue
Rolando nú e gelido na praia...

E Paulo delirante, humidos olhos,
Rasgando os membros que porejam sangue
Na cuspide escabrosa dos escolhos...

VIII

JULIETA

A loura Julieta enamorada,
Triste, languida, pallida, abatida,
Apparece radiante na sacada
Dos raios brancos do luar ferida.

Engolpha o olhar na sombra condensada,
Perscruta, busca em torno... e na avenida
Surge Romeu ; da valerosa espada
Esplende a clara lamina polida...

Sente-se o arfar de soffregos desejos,
Estoura no ar um turbilhão de beijos,
Mas o dia reponta !... O' indiscreta

Da cotovia matinal garganta !
O' perigo do amor, que o amor quebranta !
O' noites de Verona ! O' Julieta !

FRUCTAS E ROSAS

(Campoamor)

Uma rosa entre fructas, minha amada,
Um dia eu te mandei... tu que me escutas,
Dize: porque essa bocca perfumada
Beijou a rosa sem comer as fructas?

Uma outra vez eu fiz-te igual presente,
Rosa entre fructas... mas porque, formosa,
Essa bocca a se abrir avidamente
Comeu as fructas sem beijar a rosa?

LAGRIMAS ROMANTICAS

Na espessa e plumbea côr do céo de Agosto
Do dia os raios ultimos morriam,
E o cerro e a varzea, ao longe, do sol-posto
No vapor doce e pallido esbatiam...

Eu despedi-me tremulo; o desgosto
Cerrou-te o coração; se humedeciam
Teus olhos bellos, por teu bello rosto
Tinto de rosa, as lagrimas cahiam...

Parti convulso, delirante, incerto...
O descampado extenso, abrio-me o seio
Sem verde arbusto, sem humano rasto...

E eu seguia a estender sobre o deserto
Outro deserto: o da alma, inda mais feio,
Inda mais horroroso, inda mais vasto...

NASCER... MORRER...

(Blasco)

Nasce no mar a perola mais fina.
Na rocha a violeta, nas fugaces
Nuvens do orvalho a gota crystallina,
Tu nos meus sonhos nasces.

Morrem, n'um solio a perola fulgente,
N'um jarro as flores de que as roupas teces
No sólo secco o orvalho, e em tua mente
Morro, porque me esqueces!

NA PENUMBRA

Raiava, ao longe, em fogo a lua nova,
Lembras-te?... apenas reluzia a medo,
Na escuridão crepuscular da alcova
O diamante que ardia-te no dedo...

N'esse ambiente tepido, enervante,
Os meus desejos quentes, irritados,
Circulavam-te a carne palpitante,
Como um bando de lobos esfaimados...

Como que estava sobre nós suspensa
A pomba da volupia; a treva densa
Do teu olhar tinha tamanho brilho!

E os teus seios que as roupas comprimiam,
Tanto sob ellas, tumidos, batiam,
Que estalavam-te o flacido espartilho!

(V. Hugo)

Perguntavam elles : — Como,
Em nossos bateis sem velas,
Dos beleguins fugiremos ?...
— Remai ! respondiam ellas.

Perguntavam elles :—Como
Esqueceremos querelas,
Miserias, perigos, maguas ?
— Dormi ! respondiam ellas.

Perguntavam elles :—Como
Encantaremos as bellas,
Sem termos magicos philtros ?...
— Amai ! respondiam ellas.

DIVAGANDO...

Inspira-nos a mesma ardente musa,
A mesma ardente musa nos desperta
As almas, á luz tibia, á luz incerta
Na alva da vida pallida e confusa ;

E ellas, como do aspecto de Medusa,
Da realidade de illusões deserta
Fogem, se a minha mão a tua aperta,
Se meu olhar com teu olhar se cruza.

Como ás regiões do mar inhabitadas,
Voam duas gentis, candidas velas;
Assim vão nossas almas enlaçadas

Pelas soidões dos céos, lucidas, bellas,
Profundas e serenas, povoadas
Do archipelago infind o das estrellas...

BALATA

Ninho de rôla e' corolla
De flor tens porque és, amor,
Debil como a flor, ó rôla !
Alva como a rôla, ó flor !

Rôla — um aspide em teu ninho
Enrosca-se e pula, horror !
Flor — tens no caule um espinho,
Que sangra e que mata, ó flor !

Toquei-te, flor, na corolla,
Rôla — em teu ninho de amor.
Mordeu-me o aspide — rôla!
O espinho ferio-me — flor!

Flor, mata-me o teu espinho!
Rôla, o teu aspide! e, horror,
Eu amo-te ainda o ninho
O' rôla! e a corolla, ó flor!

———

OURO SOBRE AZUL...

Quando ella, sobre as aguas transparentes,
Surge em casta nudez, de amor accesa,
A vaga envolve em osculos frementes
Todo o corpo da olympica princeza.

O mixto de luxuria e de puresa
Dos seus contornos nitidos, patentes,
E' o poema excelso da Bellesa
Em estrophes de Paros, reluzentes...

Vendo-a assim, cuido ver, branca de espuma,
Venus que surge, e da onda que fluctua
No verde flanco languida se apruma;

E soltos vendo-lhe os cabellos, cuido
Ver despenhar-se sobre a deusa nua
Serena catadupa de oiro fluido...

DESPEDIDA

Quando te despediste, despedindo
Se ia tambem o sol; as fluctuantes
Nevoas da tarde os apices distantes
Dos montes, pouco a pouco, iam vestindo...

Do baixel que levava-te, sumindo
Iam-se as velas pandas, alvejantes,
Como um grupo de garças emigrantes,
Na extrema raia do horisonte infindo...

Na orla arenosa da enseada, emtanto,
Tendo as fibras do ser da dor escravas,
Eu immergia o olhar humido em pranto,

Eu immergia o olhar nas ondas bravas,
Como indo após a tua róta, emquanto,
Pomba, dos olhos meus tu te afastavas...

NO JARDIM

Estavas no jardim. Raiára um dia
Fresco, primaveril, resplandecente;
Nos tanques cheios de agua, intermittente,
Querulo, o vento flores espargia...

Bella, sem que me visses, eu te via
Colhendo rosas; teu roupão na frente
Suspenso um pouco, negligentemente,
Rosea porção de perna descobria...

Que desalinho candido! que braço!
Como enchia-se niveo o teu regaço
Das flores que cahiam-te da mão!

E mal me viste, em fogo, te fitando,
Rubra em pejo, a fugir foste deixando
Uma esteira de rosas pelo chão...

AMOR E VIDA

Esconde-me a alma, no intimo, opprimida,
Este amor infeliz, como se fôra
Um crime aos olhos d'essa, que ella adora,
D'essa que crendo-o, crera-se offendida.

A crúa e rija lamina homicida
Do seu desdem vare-me o peito; embora,
Que o amor que cresce nelle, e nelle móra
Só findará, quando findar-me a vida!

O' meu amor ! como n'um mar profundo,
Achaste em mim teu algido, teu fundo,
Teu derradeiro, teu feral abrigo !

E qual do rei de Thule a taça de ouro,
O' meu sacro, ó meu unico thesouro !
O' meu amor ! tu morrerás commigo !

LUAR DO VERÃO

Contempla a noite ; o espaço de astros de ouro
Constella-se e flammeja ; as nebulosas
Fulgem, são as espumas luminosas
D'esse p'ra nos voltado sorvedouro...

Ouve do vento as supplicas, o choro
Pela copa das arvores frondosas ;
A agua resplende ; as ondas, nas musgosas
Penhas, esbarram com medonho estouro...

Mudos e sós, vamos de braço dado,
Vôa nossa alma arrebatada e presa
Nos mysterios do azul illuminado...

O' Lucifer ! tu és a Natureza...
Si Adão mordeu o pomo do peccado,
Foi n'uma noite d'estas, com certeza.

NO BANHO

Não eras só na camera deserta
Quando o banho tomavas perfumoso ;
Banho feito do aroma voluptuoso
Que ás odaliscas a Turquia offerta...

Fóra—do estio estava a calma aberta—
Dentro—o socego morno e silencioso—
E eu ás occultas te mirava, ancioso ;
Não eras só na camera deserta...

E em torno derramaste o olhar celeste;
Desfolhaste-te, flor; nú, d'entre a veste
Teu collo começou a apparecer,

E a espalda, e o dorso... E, vencedor sublime,
Eu, forte, não perdi-te nem perdi-me,
E ai! podia perder-me e te perder!

APRÉS LE COMBAT

Entrei, e achei-a a sós, sobre um estrado
Sentada, em frente ao reposteiro erguido;
Livres do laço as tranças, e o nevado
Seio abundante livre do vestido...

Muda, estendeu p'ra mim com ar de enfado
O braço frouxo, languido, cahido—
E levantou o negro olhar rasgado
De uns violaceos circulos tingido...

N'um gesto frio, timido, indeciso,
O labio secco, machucado e exangue
Abrio em triste e morbido sorriso...

Tudo era o vosso effeito perigoso
O' explosões da polvora do sangue!
Deliciosa syncope do goso!

ULTIMOS MOMENTOS

Deslisava o periodo das flores...
Pela janella aberta, alem se via
Do sol retincto em sangue, a pradaria
Esbatendo nos grandes resplendores.

No seu olhar pintavam-se os terrores
Que a morte gera, e a pallidez tingia
Seu semblante molhado da agonia
Derradeira nos gélidos suores...

E ai! quando ouvi-lhe no ultimo momento,
Seu lamento final, convulso, afflicto,
Foi-me um gladio de dôr esse lamento;

E atravessou-me o seio, como um grito
Que, funebre, retumba de um convento,
Nas abobadas negras de granito...

(V. Hugo,

Ambos juntos e sós, satisfeitos e rindo
Iamos apanhar as cerejas ao prado ;
E ella os galhos vergava, ás arvores subindo,
Com seus braços gentis de marmore nevado.

A aragem despencava as folhas ; que harmonia
Dentro e fóra de nós, que amplidão na payzagem !
Seu collo branco, ideal ondulava e fremia,
Entre as frechas do sol e o negror da folhagem.

Quando entre as ramas via algum fructo maduro,
Como um botão de fogo, entre os sarçaes, vermelho,
Subia mais, mostrando, em um desleixo puro,
A perna inteira até á curva do joelho...

Meu namorado olhar a seguia sómente,
Mas... sobe! me bradava a angelica menina;
E eu subia, e ella em cima apanhava contente
Co'a pequenina mão a fructa pequenina.

E inclinada pr'a mim, entre os dentes, que louca!
Punha a cereja, e a rir m'a offertava sem pejo;
E a minha bocca a arder poisando em sua bocca
A cereja deixava e só trazia o beijo.

CONTINÚA...

Vou proseguir a narração sentida
Das nostalgias e dos dissabores
Da minha longa ausencia, mas se fores
Capaz de ouvil-a sem chorar, querida.

Para a Hespanha, em Outubro, na partida
Da primavera, no cahir das flores,
Segui... E' esta pagina (não chores!)
A pagina peor da minha vida...

Captivou-me uma dama de Sevilha,
Foi isso um crime que julguei nefando;
Tive remorsos... (Porque choras, filha?)

Vejo-te hoje tão pura, como quando
Parti... (O pranto nos teus olhos brilha!)
Ora! não continúo: estás chorando!...

PLENA NUDEZ

Eu amo os gregos typos de esculptura;
Pagans nuas no marmore entalhadas.
Não essas producções, que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nús; as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas...

Não quero, a Venus opulenta e bella
De luxuriantes fórmas, entrevel-a
Da transparente tunica atravez ;

Quero vel-a, sem pejos, sem receios,
Os braços nús, o dorso nú, os seios
Nús... toda núa, da cabeça aos pés!

AMERICANA

Ha n'ella o brio, o sangue e o ardor da raça
Senhora desta pingue e vasta zona,
E da região fecunda de que é dona,
Pugnando sempre, os terminos espaça...

Quando o inimigo o embate atroz rechaça
Dos seus e o corno bellico resona,
Silvam flechas e a intrepida amazona
Parte brandindo a formidavel maça...

Vinga penhascos ingremes, outeiros,
Resvaladouros e despenhadeiros,
Descomposta, febril, torva e açodada,

Dos cabellos a surda catadupa
Derramando aos tufões; sobre a garupa
De um ginete sem freio e á desfilada.

2.ª PARTE

A AUGUSTO DE LIMA

e

A Randolpho Fabrino

O POETA

A Alberto de Oliveira

Poeta ! E' mister que o poeta, elle, em cuja linguagem
Ha torrentes lustraes e balsamos fragrantes ;
Elle que encanta, embora os scepticos o ultragem,
As crianças, as mães, os tristes e os amantes ;

Elle que erra na plaga, onde, em flechas radiantes,
O sol do estro a surdir purpureja a paizagem,
E onde bailam cantando as estrophes cambiantes,
— Aves de voz de prata e irizada plumagem ;

E' mister que elle, o poeta, o scismador, o brando,
Elle que ri, tambem ruja de quando em quando,
Implacavel, cruento, enraivecido, atroz !

Assim na selva em flor, esplendida e ridente
E verde e silenciosa, atrôa de repente
Um berro de animal carnivoro e feroz.

O POVO

A Assis Brazil

Elle é o fulvo leão que á selva primitiva
O echo virgem, sopito, estrugindo abalava;
De um sanguinoso abutre a rubra garra viva,
Trahidora transformou essa cabeça altiva
N'uma cabeça escrava!

Suffocaram-lhe o rude e assombroso bramido,
Cegaram-no, o baldão escarraram-lhe á face,
E ao tinir dos grilhões, inerme, contundido,
Foi na praça o chapeu de Gessner exhibido
Para que elle o saudasse...

Mas pode o inclito heróe no perfido litigio,
Rotos os louros ver, e a gloria exhausta e finda,
E mesquinho e sem brilho apeando ao fastigio,
De todo o fausto nú, nú de todo o prestigio,
Elle é heróe ainda!

Tal sob o calcanhar da victoria esmagada,
Ruge a brava legião, se dezima e fallece;
Mas entre a ruinaria, erecta, alevantada,
E sobre a haste sem luz da bandeira rasgada
A aguia de bronze vê-se.

Elle o intrepido heróe, o Povo, a força extincta
Veja embora, e não veja em seu ermo horisonte
Um só astro, e no flanco os acicates sinta...
Ha um fogo interior que o avigora e lhe pinta
Esse orgulho na fronte.

A egregia tradição de uma remota origem,
Como um germem de luz, n'elle fermenta; corre
Do tempo, em vão, sobre elle a turbida caligem,
Vergasta-o, sangra-o em vão do despota a vertigem;
Esse germem não morre;

E em continuo avultar, no fundo subterraneo,
Onde a cerviz lhe opprime a garra vulturina,
Fuzila um dia emfim, como um raio instantaneo,
Como a sabia noção paradoxal, que o craneo
Dos Newtons illumina.

Como d'antes, o leão a sacudir a juba
Brame!... Emquanto na orgia o solio se corrompe,
Sob as azas o abutre, inconsciente incuba
O ovulo da aguia audaz, que os reis fere e derruba,
Quando o ovulo se rompe.

Ao throno a rebellião ergue os adustos braços,
Quebram-se as pompas vis, podres, estultas, fatuas;
E aos bellicos trovões, dos Commodos devassos,
Faz-se em trapos o manto, e o diadema em pedaços,
Decepam-se as estatuas...

E alta, sobre o destroço, a aguia da liberdade,
Gyra, pairando no ar, e no amplo azul immerge...
Eis o esplendido e infindo alvo a que a humanidade
Como a um grande e fatal centro de gravidade,
Ha seculos converge...

O CASTELLO FEUDAL

A Valentim Magalhães

Na soidão que te cerca e te domina,
Que Deus, esphynge, incognito, veneras?!
Vetusto grupo de arvores se inclina
Perante as tuas cupulas austeras...

Não mais, no albor da chamma matutina,
Nas arcadas sem luz, sem primaveras,
Ouve-se hoje a risada crystallina
Da castellan fidalga de outras eras...

Não mais sôa o clamor da voz humana
No teu gothico pateo, e a durindana
Não mais a empunha a mão do heróe cruzado!

Comprime-te o silencio, e, horrida, medra
Tua ruina, O' Chronica de pedra
Immensamente triste do Passado!

1880.

(V. Hugo,

A Pereira da Costa

Resoae, sem cessar, tubas do pensamento!

Quando á frente do povo, heroico e suarento,
Jozué respirando a colera no olhar,
Em torno da Cidade a tuba fez soar,
Logo á primeira vez o rei sorrio um pouco.
A' segunda, inda a rir, disse ao propheta: «Louco!
Assim é que abater meu reino, acaso, crês?... »
Quando os muros Jozué pela terceira vez

Rodeou, na arca onde ia o anjo de azas nevadas
As creanças até arrojaram pedradas...
Na quarta vez, inteira, a brutal multidão
Insultar e offender veio os filhos de Adão,
E entre as amcias vis e tisnadas, fiando
Nas rócas, vieram logo as mulheres em bando
Apedrejar tambem a tribu dos Hebreus.
E pela quinta vez o batalhão de Deus
Os muros rodeou da Cidade, e surgiram
Coxos, cegos até, e apodos lhe cuspiram.
Na sexta vez então, na torre principal
Alta e maciça onde a aguia arfava, e o temporal
Sem conseguir mover o granito, rugia,
Appareceu por fim o rei que inda sorria,
E disse: « Estes Hebreus são uns musicos bons! »
A esse dito do rei, mil explosivos sons
De risadas de mofa estrondaram no espaço;
Eram párias senis, mães com filhos no braço,
Decrepitos anciãos, sacerdotes da lei,
Homens de fina estirpe e homens de baixa grey,
Tudo a rir!...

A Cidade os Hebreus rodearam
Pela setima vez, e as muralhas tombaram!

A LOCOMOTIVA

A Gaspar da Silva

Da penedia o dorso se espedaça,
Accelera-se o rio espavorido,
Abrem o seio escuro bipartido
A selva e o monte; o trem de ferro passa...

Sibila e corre a machina; esvoaça
Dos passaros o bando foragido;
Bufa o monstro e do bojo ennegrecido
Golpha rolos de turbida fumaça...

Rijo, forte e veloz; é uma Idéa
Condensada em metal, em ferro espesso;
Não recúa, não cáe, não titubea;

E vôa, e rasga o luminoso ingresso,
O ramo arterial, a grossa veia
Por onde corra o sangue do Progresso.

UM SONETO DE BURGER

A Alcides Lima

Quando ergo a vista ao sol, de espessa nodoa escura
Cobrem-n'a m'a offuscando os raios que elle vibra—
Isto é porque eu não sou essa aguia que na altura,
Impavida, estendendo as azas, se equilibra.

A gloria é sol e o genio é aguia; elle sómente
Póde a vista embeber, sem que a luz embriague-a,
Sem que a cegue o esplendor, na gloria refulgente,
Pois para o sol fitar é preciso ser aguia.

A ILHA E O MAR

A Julio de Castilhos

Nas solidões do oceano ergue-se ás vezes uma
Ilha isolada, como um dorso de baleia,
Onde a vaga, bramindo, a branca flôr da espuma
Desfolha a rebentar na reluzente areia.

Na esteril quietação do pelago no centro
Orgulhosa, embalada ao maritimo psalmo,
A ilha dorme... e a ferver, rasga por ella a dentro
O oceano a conquistar-lhe a terra palmo a palmo.

Estoura-lhe na face o vagalhão frequente,
A areia diluindo e derrocando as fragoas,
E some-se por fim ella completamente
Sob o frio involtorio intermino das agoas...

Tal do seio do povo altivo se levanta
Como uma ilha maldicta o throno do tyranno.
E, opprimido, a bramir aos poucos róe-lhe a planta
O Povo a circular-lhe em torno como o oceano.

Porém um dia emfim nos horisontes, quando
O globo irradiar do pensamento novo,
A vaga popular thronos despedaçando
Ha de a tudo envolver, e tudo será Povo!

— 1880 —

LUZ E TREVA

A Augusto de Lima

Iam do céo no tremulo regaço
Os astros em myriadas cahindo,
E o sol ia no pelago immergindo
O sangrento perfil traço por traço...

A treva e a luz topavam-se, fundindo
A noite e o dia em longo e estreito abraço;
Este expirava, e aquella ia no espaço
O manto fusco e pavoroso abrindo...

Cobri de minha luz as rubras furias,
As maldições, as guerras, as injurias
E os sanguinarios dramas !—disse o dia.

E a noite disse, no seu tom magoado:
— Eu vou cobrir de trevas o peccado,
As saturnaes, o roubo, a hypocrisia!

— 1880 —

AO PODER PUBLICO

(1º de Janeiro de 1880)

Tu que és da direcção das massas investido,
Tu que vingas o crime e que o Povo defendes,
E executas a lei penal, e do bandido
No topo de uma forca, o cadaver suspendes;

Tu que tens o canhão, a tropa, a artilheria,
Tu mesmo és quem fuzila a inerme populaça;
Incurso estás tambem no Codigo, e devia
Pr'a ti tambem se erguer uma forca na praça!

ANDRÉ GILL

A Luiz Murat

Como quem se debruça á flôr de um precipicio
Viste o mundo: a Virtude e o Brio torturados;
A golilha da Egreja asperrima; o flagicio
Das modas, e os heróes redicularisados...

Tudo veio offender-te os olhos deslumbrados.
Ah! esta sociedade, este nucleo do Vicio,
Não é mais, André Gil, do que um immenso Hospicio
Cheio de alienados!...

Viste essa ulcera enorme,
Que ha de o corpo social fazer tombar disforme
Como um tronco que rúe pôdre, sem folhas, ôcco...

Foi teu riso um cauterio atroz á sociedade,
Mas a louca que odeia os Rabelais, hoje ha de
Rir de ti, como ri-se um louco de outro louco.

COLOMBO

(Schiller)

Não te venha esmagar a mofa e a injuria immunda,
Nem aos teus, nem a ti, a fadiga, o torpor;
E a região que entreviste em teus sonhos, fecunda,
E o clarão de outro sol, no outro hemispherio, inunda,
E que buscas, verás em seu todo esplendor.

Se é acaso esse mundo illusão, rutilante
Das aguas romperá, como do cahos a luz...
Porque em vinculo forte, insoluvel, constante,
Une-se a natureza ao genio palpitante
E o que este, só, semeia, é que aquella produz.

A CABEÇA DE TIRA-DENTES

A Joaquim Serra

Da idéa que engendrou pendia a sorte
Da patria, a sorte a que ella, avida anceia;
Mas o musculo ferreo, o punho forte
Comprime-lhe do despota a cadeia.

Sella-lhe a morte os labios e os roxeia,
E annuvia-lhe o largo e altivo porte —
Morre esmagado pela grande idéa!
Morre — e morrendo isenta-se da morte!

Do moribundo a martyr e divina
Cabeça fulge sobre o póste immundo,
Onde grasnam as aves de rapina ;

Da luz sangrenta que, a morrer, derrama,
Em torno, o sol — esse outro moribundo —
Tece-lhe um largo resplendor de chamma...

O TIRO DO CANHÃO

A Fontoura Xavier

O tiro do canhão demarca a propriedade
E o dominio que tem no mar cada nação;
Desenvolva-se o ardor, cresça a velocidade,
Multiplique-se o impulso ao tiro do canhão!

E de um mar a outro mar, varando os ares, una
As nações, e rebente a balisa fatal!
Seu estrondo será o estrondo da Communa,
Será a acclamação do Imperio universal!

(Th. Gautier)

Dizem tão mal, creança, a teu respeito!
Dizem com irrisão,
Que tu, no lado esquerdo de teu peito,
Tens um relogio em vez de um coração.

Comtudo, como um mar, teu seio ondula
Tormentoso e fremente,
Aos gorgolões da seiva que circula
Sob essa carne nova e florescente.

Dizem tambem, querida,
Que os teus olhos azues não têm ardor,
E movem-se nas orbitas, sem vida,
Sem reflexão, machinalmente... O' flor !

Comtudo muita lagrima iriada
Baila em teus cilios—tremulas cortinas
De tua alma estrellada
De sonhos alvos e visões divinas...

Dizem que são p'ra ti como o sanscripto,
Pois nem os lês sequer,
Os meus versos, os versos que eu recito,
Rimando os teus encantos de mulher.

E comtudo nas petalas vermelhas
Da tua doce bocca perfumada,
Como tribu de abelhas
Dos risos brinca a tribu enamorada.

Dizem... A causa é nosso amor, donzella;
Deixa-me e então verás:
Para os que te maldizem serás bella,
Terás donaire e coração terás.

?

A Theophilo Dias

No corpo, escuro ergástulo em que móra,
A alma, atravez da transparencia baça
Do olhar, como atravez de uma vidraça,
Espia para fóra...

A nevrose da vida em torno affecta
A todo o ser, e em todo o ser perscruta
Um espirito, uma alma... e até na bruta
Pedra se abre uma palpebra secreta !

Tudo o que boia ou vôa ou vae de rastros,
Do homem ao mineral, tudo um assomo
Da causa universal pesquisa em vão...

São uma infinda reticencia os astros...
E sob ella se arquêa o mundo, como
Um grande ponto de interrogação!

LUIZ GAMA

A Raul Pompeia

Tantos triumphos te contando os dias,
Iam-te os dias descontando e os annos,
Quando bramavas, quando combatias
Contra os barbaros, contra os deshumanos;

Quando a alma brava e procellosa abrias
Invergavel ao pulso dos tyrannos,
E ignea, como os desertos africanos
Dilacerados pelas ventanias...

Contra o inimigo atroz rompeste em guerra,
Grilhões a rebentar por toda a parte,
Por toda a parte a escancarar masmorras.

Morreste !... Embalde, Escravidão ! Por terra
Rolou... Morreu por não poder matar-te !
Tambem não tarda muito que tu morras !

APOLLONIA

(Th. Gautier)

Echo de ethereo passo em sacro sólo
E' desse nome a prolação augusta.
Sua harmonia válida e robusta
Faz que Apollonia seja irmã de Apollo.

Lembra o toar de uma balata estranha,
De uma balata em que haja reis e magos,
E ursos disformes a immerger dos lagos
Phantasticos e frios da Allemanha.

Tem metallicos sons. Na alma deslisa
Mellifluo e longo; e só a prophetisa
De Delphos na aurea tripode luzente,

Ella só, a fatidica e sombria
Prophetisa, só ella poderia
Apollonia chamar-se dignamente

OS DOIS ESPECTROS

A Cezar A. Ribeiro

Emquanto do Futuro o archote incendiario
Não vem incinerar os baculos e os sceptros;
E repellir não vem do lobrego scenario
Throno e Egreja — estes dois pavorosos espectros;
Emquanto, em chusma, os reis e os padres foragidos,
Tropegos, tontos, cégos,
Não vão em debandada,
Pela Raiva mordidos,
Surdos pelo clamor da multidão odienta,
Como uma nuvem grossa e densa de morcegos,
Que o clarão da alvorada
Embebeda e afugenta;

E emquanto não puder, já sem nodoas e limpo
Dos mythos e ficções do Velho Preconceito,
Resplandecer o Olympo;
Estás no teu direito,
O' Fanatismo! E estás no teu direito, O' Throno!
E, ambos, continuae o ferreo jugo a impor
Sobre esta humilde grey, de que um de vós é dono,
E de que o outro é pastor!
O *dies iræ* ainda está muito distante!
E emquanto elle não chega, esse rubro, espantoso
E formidavel Dia,
A raça escrava oscúla a roldana infamante.
E, Padre, a illudes tu e, Rei, tu a espedaças!
Mas sempre hão de atroar vos turbando o repouso,
E agitando-vos na alma a onda da cobardia,
As vociferações crueis e os brados rudes
E blasphemos das raças,
Que espedaças, O' Rei! e que tu, Padre, illudes!
Throno! Ouve tu, primeiro!
Escuta, que é a voz da Justiça a que escutas!
Esse edificio além, aos outros sobranceiro,
Cheio de capiteis, de frisos e arabescos,
E' teu palacio, O' Rei, o palco onde executas
Entremezes brutaes e sardanapalescos.

A Lei, a sempre recta, a sempre inexoravel,
A todos olivéla!
Mas quando foi que a Lei a ti se referio?
O' despota execravel!
A ti, que estás tão fóra e tão por cima della?!
A ti, que és das nações, o lathego, o vexame,
O escarneo, o desafio?!
A ti, régio truão?!
Que és de todo o dictame,
Que és de todo o principio, e que és de toda a regra,
A mais feia, a mais negra,
A mais torpe excepção?!
O Ilota porque existe? E' só para beijar-te
O manto e obedecer-te ao gesto! Nesta parte,
Aristoteles foi quem teve mais razão!
E é por causa das Leis que os calabouços rangem,
E erguem-se com pavor patibulos sangrentos,
E contra a raça vil tu invencivel arcas!
Mas as Leis não abrangem,
E dellas são isentos
Os bichos e os monarchas!
Nunca trepides, Rei! degola, decapita
E esphacela sem dó, sem pejo, sem abálo,
A canalha que a tua indignação excita,

Sobre a qual trotas como em cima d'um cavallo,
E a qual, inda por baixo, as purpuras te beija!
Agora tu, Egreja!
Tu tens sempre o supremo imperio sobre as cousas,
Tens o anathema, tens a benção, tens a bulla,
E sabes levantar dos tumulos as lousas
Quando teu labio o *surge et ambula* articula.
Nollite possidere! Eis o proverbio exacto,
Como a Vulgata santa e biblica refere,
Mas todo este esplendor e todo este apparato
Traduzem bem o tal *nollite possidere*!
Sanccionas a união monógama, mas isto
Que tenhas um milhão de esposas não te impede,
O mancebo infeliz de Nazareth, o Christo
Tu interpretas bem!
Que importa se não és da Caridade a séde,
Mas de um Grão-turco o harem?!
Teu gesto milagroso
Aos cegos restitue a vista e a voz aos mudos,
E ao reprobo até póde escancarar o céo!—
Do verde laranjal fructifero do goso
O melhor pomo é teu!
Nossos, serão sómente os corrompidos pomos,
E por sermos quem somos,

E serdes vós quem sois,
Não perturbemos nós, com latidos agudos,
E incommodos esgares,
Nós, famintos pariás, nós, miseros mastins,
A lenta digestão dos conegos pansudos,
Que resonam depois
(E' muito natural) de opiparos jantares,
E esplendidos festins.
Si, ao peso da oppressão e da miseria escura,
Soluça alguem, emquanto elle soluça, ris —
E esse teu riso aterra os mais... Si por ventura
Rissem, seria assim o riso dos reptis.
Impões-te ás massas como o Sol dos redivivos —
E és na verdade um sol, tanto que até tens laivos,
Mas, Egreja, perdão! Altar e Throno uni-vos!
Padre e Rei, abraçai-vos!
Emquanto nos roubais, vos entoamos hymnos!
Vitualhas e bens todos, são todos vossos!
Fartai-vos, esbanjai, calcai-nos, illudi-nos!
E deixai-nos os ossos;
Fundi-vos que fundis o instincto da raposa
Ao da besta feroz, carnivora, que brama
Na furna tenebrosa!
Tenebrosa fusão! horrivel amalgama!

Pantheras que em connubio atroz o crime allia !
Egreja e Rei ! Sophisma e Oppressão ! Cruz e Espada !
Não tem limites, Rei, a tua autonomia !
São vastos teus harens — polygama sagrada !

INDICE

	Pag.
Introducção	5
As pombas	13
A chegada	15
O ninho no templo	17
Missa Universal	21
Sobre um trecho de Millevoye	23
O anoitecer	25
Duas mortes	27

O filho de Coralia..... 29
(Brizeux)..... 31
A cavalgada..... 33
Bosquejo 35
Cahir das folhas..... 37
Luciola 39
(Zorrilla)..... 45
Mãe e filho 47
Rio acima 51
A Gemma Cuniberti 53
Santas esmolas..... 55
No circo..... 57
Mal secreto 59
A Avó..... 61
Perambulans 63
A Italia..... 65
A Adelaide Tessero..... 69
Historia de uma gota d'agua..... 71
Na pagina de um album..... 73
Vulnus..... 75
No decennario de Castro Alves..... 77
Maio..... 79
Dezembro..... 81
Beijo Posthumo..... 83
O vinho de Hebe..... 85

O Chalet 87
A Juventude 91
Alfaïma 93
Perfis romanticos 95
Graziella 97
Hero 99
Marilia 101
Beatriz 103
Nathercia 105
Virginia 107
Julieta 109
Fructas e rosas 111
Lagrimas romanticas 113
Nascer... morrer 115
Na penumbra 117
(V. Hugo) 119
Divagando 121
Balata 123
Ouro sobre azul 125
Despedida 127
No jardim 129
Amor e vida 131
Luar do verão 133
No banho 135
Aprés le combat 137

Ultimos momentos 139
(V. Hugo) 141
Continúa 143
Plena nudez 145
Americana 147
O Poeta 151
O Povo 153
O Castello feudal 157
(V. Hugo) 159
A locomotiva 161
Um soneto de Burger 163
A ilha e o mar 165
Luz e treva 167
Ao poder publico 169
André Gill 171
Colombo 173
A cabeça de Tira-Dentes 175
O tiro do canhão 177
(Th. Gautier) 179
? 183
Luiz Gama 185
Apollonia 187
Os dois espectros 189

24962